



CONTOS MACHADIANOS E OBJETIVOS DE LEITURA AOS ALUNOS ENSINO FUNDAMENTAL II

Luciane dos Santos¹

RESUMO: Professores, principalmente, da área da educação e língua da portuguesa sempre tiveram respeitável função quanto à formação do leitor. Por isso, inúmeros são os trabalhos de pesquisadores e/ou educadores inquietos com a questão da leitura na escola e sua intenção formativa. Além disso, ao falarmos de leitura, facilmente podemos relacioná-la à literatura, porque o docente, muitas vezes, acaba por preferir textos literários, devido sua natureza ser também formativa. Agora, pensando na escola enquanto lugar em que, além de ser um estabelecimento de ensino com a intenção de formação do cidadão, construção, assimilação e socialização do conhecimento, precisa seguir padrões organizacionais sociais para se constituir como tal. Logo, ao analisá-la como a articulação dos conceitos de poder, sujeito e resistência de Foucault, por exemplo, pode-se colaborar no entendimento da práxis hoje, quando pensamos na leitura obrigatória dos “clássicos” para os vestibulares de todo o país. Destarte, a partir dessa temática: literatura, leitor e preparação é que se exporá este artigo. Tendo como objetivo apresentar uma oficina realizada com alunos de 9º anos do Ensino Fundamental II, de uma escola particular da cidade de São Paulo, em que a leitura do conto intitulado *Conto de Escola*, de Machado de Assis foi apresentado aos discentes como aprendizado da leitura de um texto clássico, ou seja, que se encaixa aos padrões da intitulada “boa literatura” conceituada assim, pela crítica literária. Foram realizadas como parte da metodologia, pesquisas, leituras, discussões, produções textuais e apresentações individuais entre os alunos, para que se chegasse à conclusão do trabalho a qual será apresentada. A intenção da oficina foi de auxiliar os estudantes a lerem e interpretarem qualquer tipo de texto, principalmente o literário e que esses também pudessem aproximá-los das leituras pedidas pelos vestibulares. O resultado observado foi que com a mediação do professor, o aluno conseguiu ler e ter um bom entendimento de um escrito de linguagem mais aprimorada, melhor elaborada linguisticamente, como a dos clássicos. Por fim, esse processo deve auxiliar, não somente na preparação de leitura dos contextos do Ensino Médio, mas para a vida desse novo leitor, pois os escritos selecionados e obrigatórios são todos cânones brasileiros, logo quem os lê e compreende, poderá estar preparado para qualquer leitura mais particular.

PALAVRAS-CHAVE: *Conto de Escola*; Ensino Fundamental II, Leitura; Machado de Assis.

1 INTRODUÇÃO

A atividade da leitura, em muitos casos, torna-se “torturante” a muitos alunos das escolas brasileiras. Numa sociedade em que a cada dia se cresce o universo imagético, o uso de meios digitais, o mercado e o consumo, em que teclas e dígitos substituem o texto impresso, é que temos o estudante atual. Cabe ao professor e à escola se atualizarem

¹ Doutoranda da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina – Paraná. Bolsista Capes. st_luciane@hotmail.com

cada vez mais e se inserirem em tais mudanças composicionais e estruturais, para que possam suprir as expectativas do aluno. Junto a essas alterações, mantemos na escola a função de educar, socializar, apropriar e construir o conhecimento partindo de habilidades importantes como: a escrita e a leitura. Essa última será foco principal deste artigo, partindo da necessidade de alunos das séries finais do Ensino Fundamental II saírem mais bem preparados para as leituras de textos verbais exigidas em séries posteriores.

Segundo Chartier (2002, p.256) “o ‘mesmo’ texto, idêntico em sua letra, não é o ‘mesmo’ se mudam os dispositivos ou sua comunicação”. No entanto, se nos e-books, textos digitais em geral, ou em sua forma textual tradicional como a dos livros, o importante é a escolha do aluno por uma ferramenta de leitura melhor ajustável a ele. Todavia, ainda com as inúmeras vantagens em ter acesso ao texto (verbal) que a atualidade nos oferece, o excesso de informação, o surgimento de novas mídias, o uso crescente da imagem, entre outros atrativos, acaba por tornar nossos alunos bastante indolentes com relação à prática da leitura verbal. Dessa forma, cabe incansavelmente a escola a não desistência da formação desse novo leitor. Entretanto, o que muitas vezes acontece, é o foco errôneo que ora discentes, ora alguns docentes, colocam no exercício da leitura em séries do Ensino Médio, pois esse tem como o foco principal, na maioria das vezes, o vestibular e a leitura dos clássicos literários. Isso por que se pensarmos no Ensino Fundamental I e II, como possuidores e mediadores das bases essenciais para formar um cidadão, como a de ler, por exemplo, quando o aluno chega a séries superiores deve ser um leitor pronto, o que na maioria das vezes não acontece. Assim, ler um clássico, tendo - o, no presente artigo, como os livros de literatura considerados como cânone pela crítica, não deveria ser uma tarefa ardorosa.

Zilberman expõe que a escola “tem uma finalidade sintetizadora, transformando a realidade viva nas distintas disciplinas [...] que são apresentadas aos estudantes” (1982, p. 22), porém nesse processo algumas inversões podem prejudicar o objetivo da cognição, neste caso o da leitura. O que acontece é que, usualmente, o contexto escolar “não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação à atividade da leitura. Nele, ela é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos [...] e outras tarefas do ensino da língua” (Kleiman, 2011, p.30). Por isso, a delimitação de objetivos é importante para o processo do exercício junto ao leitor, no entanto esses alvos não devem ser somente aprender a ler e “passar no vestibular”, como acreditam muitos adolescentes. Sabe-se que a tarefa da escola é incansável para que esse pensamento não aconteça, todavia ela ainda deixa lacunas durante o processo de aprendizado, problemas os quais não serão aqui enumerados.

No caso do presente artigo, a motivação para que a oficina acontecesse partiu do professor e da delimitação de alvos para o alcance de uma boa leitura e conseqüentemente de um aprendizado da mesma, junto aos alunos dos nonos anos do Ensino Fundamental. A seguir se explicará como foram organizados os exercícios da oficina de leitura.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O universo mercadológico de livros infantojuvenis é imenso e cresce a cada ano. Quando um professor precisa escolher um título para trabalhar com alunos de séries fundamentais, depara-se a um enorme nicho de temas a serem selecionados. Isso por que essa ficção pode ser firmada como um dos pilares da literatura de massa, ou ainda, a arte simplesmente para o entretenimento. Positivo ou negativo? Essa é uma questão que poderia ser discutida mais amplamente num outro artigo. Aqui é pertinente assegurar que independente de ser uma ficção para o consumo, ela traz um grande leque de assuntos, os quais podem instigar o jovem leitor a se enveredar pela leitura dos mesmos. Isso, até

certo ponto é positivo, visto que para o leitor principiante o importante é iniciar por uma leitura que chame sua atenção, que seja de seu interesse, que se relacione a seu universo, ou ainda, que possa se incluir ao seu conhecimento prévio de mundo. Na verdade esse processo é um início, até o jovem se tornar um leitor mais crítico e exigente. O negativo é que, muitas vezes, a escolha dos textos acontece da aplicação de critérios de discriminação, ou seja, como expõe Zilberman: “o professor que se vale do livro para veiculação de regras gramaticais ou normas de obediência e bom comportamento [...] (1982, p. 23) exigido pela instituição de ensino, pode, por hora, não trilhar um caminho para que a leitura aconteça de forma prazerosa. Acredita-se que a leitura escolar deve sim ser mediada por um orientador da educação, sendo este, na maioria das vezes o professor. No entanto, a escolha da obra a ser trabalhada deve estar em sintonia com o universo do acadêmico. A pré-leitura é um exemplo de preparo de terreno para aproximação do aluno a certas obras. Cabe, então, ao professor apresentar os assuntos a serem trabalhados no livro, para que, posteriormente, a leitura aconteça de maneira mais interativa.

Um ponto de interesse da presente pesquisa, para que ocorresse interação de aluno e obra são os objetivos traçados para cada leitor. “Há evidências inequívocas de que nossa capacidade de processamento e de memória melhoram significativamente quando fornecido um objetivo para uma tarefa”. (2011, p. 30). No presente artigo, nos centraremos na questão escolar, como explanaremos abaixo e não citaremos ações de leitura relacionada à família, mesmo essa sendo importante mediador do novo leitor.

Quando o educando chega ao nono ano do Ensino Fundamental precisa ser preparado para as leituras que lhe caberá no Ensino Médio. Foi pensando nessa mediação que se decidiu elaborar essa pesquisa com tais alunos e os contos machadianos. A intenção era de verificar se essas histórias fossem apresentadas e trabalhadas aos estudantes, antes desses irem para o Ensino Médio, facilitaria o trabalho de leitura dos mesmos, quando tivessem de ler romances estudados nas séries posteriores. Decidiu-se escolher contos do escritor Machado de Assis como material principal da presente análise. Dentre algumas histórias trabalhadas temos: *A causa secreta*, *A cartomante*, *Um apólogo* e *Conto de escola*, a seguir, utilizaremos esse último para explicação dos processos efetuados na elaboração da pesquisa. No entanto, a duração do projeto de leitura dessas narrativas se estendeu durante todo o ano letivo do nono ano. Primeiramente, escolheu-se a tipologia textual conto, por ser curto e conseqüentemente de duração breve no processo da leitura, diferente de um romance, por exemplo. Também, partiu-se do princípio que, geralmente o estudante ao se deparar com inúmeras páginas de um livro, muitas vezes acaba desistindo de lê-lo. Por isso, optou-se pelo conto: curto, rápido e de formato linear, os aqui selecionados.

Num primeiro momento, através das ferramentas da internet, pediu-se aos alunos que procurassem blogs, sites de relacionamentos como Orkut, por exemplo, e que procurassem a respeito de quem era a figura de Machado de Assis. Se já tinham ouvido falar, quem teria sido, ou como foi sua vida e curiosidades em geral do autor. Como apresentado, o uso da internet foi proposital, para que alunos não saíram de seu universo de leitura, para ler e procurar a respeito do presente escritor. Posterior a isso foram feitos “bate papos” em sala de aula (carteiras em sala disponibilizadas em forma de U para que todos pudessem ver uns aos outros) de maneira bem interativa. Segundo Kleiman (2011) é importante o conhecimento prévio para a leitura de um texto, porque o tendo, o leitor faria inferências com base nas marcas formais textuais e teria uma melhor compreensão do que lê. Pensando nisso, acreditou-se ser importante abordar que foi Machado de Assis, uma figura tão citada nos meios culturais, mas por quê? O aluno, tendo contato com sua vida, passa a ter, automaticamente, contato com sua obra.

O trabalho posterior foi do professor em falar ao aluno a importância de tal escritor brasileiro em nossas letras e mediar sites para pesquisas acerca do autor em questão. Questionamentos como: “O que escrevia e como escrevia?”. “Por que quem escreve consegue se comunicar bem?”. “A importância da comunicação na atualidade e o que poderia aprender a partir da leitura de um texto como os dos contos machadianos.”

“Qual a linguagem utilizada por Machado?” Depois que essas, entre outras, indagações foram colocadas como uma nova tarefa a ser pesquisada e discutida, finalmente, pediu-se para que os estudantes perguntassem aos pais, tios, familiares, responsáveis, avós e possíveis conhecidos, se já haviam lido algum texto de Machado de Assis. Novamente os alunos colheram informações e trouxeram para sala de aula. Todo esse processo era feito nos ínterims dos bimestres. Criar uma expectativa é importante, ou seja, deixar um espaço privilegiado para as discussões faz com que os discentes queiram esse espaço. Geralmente, dependendo do *feedback* da turma, o “bate papo” durava de vinte e cinco a quarenta minutos, não mais que isso para o exercício não se tornar maçante.

Posterior a isso, pensando que conhecimento prévio é importante, foi interrompido o trabalho diretamente ligado a Machado de Assis, e indiretamente, o professor questionou os alunos acerca das informações que cada um deles tinha a propósito da escola do tempo dos pais e avós. Nova pesquisa foi feita e trazida para sala e aula com propósito de novas discussões. Isso por que através da pré-leitura, como já abordado acima, chegamos a um conhecimento prévio do aluno com relação à escola enquanto instituição de ensino, a qual detém normas para se constituir como tal. Finalmente depois de algumas semanas, partimos para a leitura da história *Conto de Escola*. Uma leitura em voz alta foi feita com os estudantes, com interrupções necessárias para o entendimento do texto. Como o conhecimento lingüístico “desempenha um papel central no processamento do texto”. “(Kleiman, 2011, p.14) porque é pela percepção das palavras reunidas em unidades maiores que se permitirá a compreensão textual, em sala de aula, os alunos levaram dicionário, dividiu-se a turma em grupos e se pesquisou o que não havia sido bem compreendido. Em casa, foi pedida uma nova leitura para que finalmente fechássemos o exercício do trabalho com o conto, com uma produção a respeito do mesmo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final de todo o processo, sucintamente descrito acima, o professor elucidou aos alunos que eles agora conheciam quem era Machado de Assis e que já poderiam falar a outrem que também haviam lido tal autor. Sabendo-se da importância em ler um clássico, objetivo principal colocado aos alunos, não somente para exames exaustivos de Ensino Médio ou de vestibulares, mas para melhor compreensão dos textos em geral, conseqüente a essa compreensão a formação um leitor crítico, atento, mais seletivo e pronto para leitura de qualquer texto. A escolha dos contos, como já apontado acima, trouxe para esses iniciantes leitores, um primeiro contato com o texto mais elaborado linguisticamente, com um conteúdo sério e que não se consegue compreender em uma breve passada de olhos no texto. Exigem-se para tal leitura mais atenção, paciência e concentração. No caso do *Conto de Escola*, questões éticas são bastante trabalhadas, do início ao fim da narrativa.

Um ponto curioso levantado pela maioria dos alunos foi a quebra do *happy and final* da história. Eles notaram que o conto acaba despercebido, sem gerar grandes expectativas para o final da narrativa. Mais uma vez a mediação professor-aluno é importante, para mostrar que as próximas leituras nem sempre trarão um final catártico como apresenta os livros inseridos na literatura mais trivial. Que ler um clássico, ou um

texto mais aprimorado, por exemplo, o importante não é a história em si, mas os elementos que esta nos traz para podermos refletir, como: a forma que foi escrita, os assuntos abordados, a forma como a história é apresentada entre outros.

Para finalizar parafrasearemos Silva (2011), numa entrevista cedida ao boletim do PNLL – Plano Nacional do livro e da Leitura que acredita na leitura como um processo de qualificação de ações, reações e determinações de um sujeito. No entanto a formação de profissionais do ensino com repertórios culturais reduzidos e compostos de fragmentos da cultura de massa é cada vez mais freqüente no magistério. Destarte, seria necessária primeiramente uma formação mais rigorosa dos mediadores da leitura como: bibliotecários, professores e educadores em geral, para que depois chegássemos ao estudante.

4 CONCLUSÃO

A conclusão, de certa forma já foi apresentada no tópico acima. Mas para sermos mais objetivos, o resultado foi bastante satisfatório, pois se acompanhou a transição dos alunos dos nonos anos do Ensino Fundamental para os primeiros anos do Ensino Médio. Principalmente quando se começou a trabalhar o Romantismo e o Realismo, a forma textual trabalhada nos contos foi muito recordada por parte dos alunos. Até mesmo na leitura de outros livros que fugiam os padrões estéticos mais comuns, como as obras mais atuais em que as narrativas são mais livres, houve o entendimento do estudante do por que daquelas obras serem escritas linguisticamente diferentes.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M.; Conto de Escola. In: _____, **O Conto de Machado de Assis**: antologia (organização e introdução de Sônia Brayner). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p.189-96

CHARTIER. R.; **A beira da falésia**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

FOUCAULT, Michel. **1986 - A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

_____. **1979 - Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.

KLEIMAN. A.; Texto e Leitor, **Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2011.

SILVA, E. T.; Entrevista cedida ao boletim do PNLL – Plano **Nacional do livro e da Leitura**. Disponível em <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/noticias>. Acesso em 29/08/2011

ZILBERMAN, R.; A formação do leitor. In: **A literatura infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1982.p. 22-25